

Arte e ciência na pintura de Wagner Kuroiwa



"CRISTO"

Pastel aquarela, vernizes
sobre radiografias,
ultrassonografias
e tomografias
3,30m X 2,10m.

São Paulo
2º Semestre / 2007

Yuri Bittar

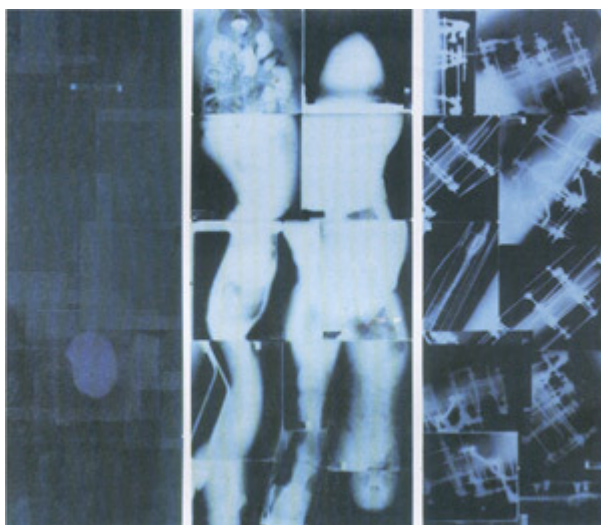
www.yuribittar.com
bittar@yuribittar.com

01. Apresentação

Tanto a arte quanto a ciência parecem estar presentes em todas as fases das sociedades humanas. Talvez até tanto quanto as religiões e problemas de sobrevivência imediata. Por vezes arte e ciência foram entendidas como uma coisa só. Em outros momentos foram separadas de diferentes formas. Buscando uma forma de compreender essa relação encontramos um artista que é também cientista, que vive diariamente a questão arte/ciência e acreditamos possa nos ajudar.

A dor humana é um dos objetos de preocupação tanto da ciência e da técnica quanto da arte. De formas diferentes ambas tentam diminuir, curar, entender ou expor a dor e os problemas que afligem a humanidade. A dor, seja ela física, espiritual ou psicológica, de uma pessoa ou de um grupo de pessoas, é de certa forma, a questão central para cientistas e artistas em todos os tempos e lugares. Vale lembrar aqui as palavras do artista e voluntário queniano Jessé Seng Ang: “Certas pessoas dizem que as minhas pinturas são deprimentes, mas há sofrimento por toda a parte” .

A dor humana não poderia deixar de ser a preocupação para um homem que é cientista e artista ao mesmo tempo. Wagner Kuroiwa é médico e artista plástico, e o sofrimento das pessoas esta fortemente presente nessas suas duas áreas de atuação. Como médico especialista em saúde publica atua diariamente em contato com a população e a busca por maneiras de melhorar o sistema publico de saúde. Já como artista plástico utiliza, de certa forma, e como iremos mostrar, a dor humana como suporte e tema.



“Azul Essencial” / “Causis Morberen” / “Sob Ferros”

02. Metodologia da pesquisa

Neste trabalho iremos descrever o trabalho do artista, contar sua trajetória e relacionar sua obra com o contexto histórico.

Iremos ainda mostrar a visão do artista sobre os problemas da sociedade, transmitida por meio das obras observadas por nós ou dita pelo próprio. Mostraremos como estão tratados pela sua obra os conflitos e as dores humanas, a relação entre arte e ciência e seus próprios sentimentos.

Por fim analisaremos mais a fundo uma de suas obras, o "Cristo", da série "Através", obra impressionante que nos permitirá mostrar os diversos aspectos discutidos neste trabalho.

Para desenvolver este texto visitamos uma exposição do artista no hall do shopping MetrÓpole, em São Bernardo do Campo, e também o visitamos em seu escritório em São Bernardo do Campo, onde vimos outras obras e também pudemos conversar com ele.

03. Biografia do artista

“A emoção inerente que está presa no quadro é uma energia que está em trânsito, ela não é uma energia estática. Um quadro tem quer ser exposto e quando ele está exposto está permanentemente irradiando energias, seja ela qual for. Então, tal como o calor, a expressão artística é uma energia em trânsito, e aí você vê que as coisas são meio complementares mesmo, não há conflito, pelo contrário, elas são sinérgicas numa certa direção, então seja alegria, angústia, depressão, euforia, o quadro está lá sendo o ponto de impacto disso e se o autor tiver o mínimo de competência ele vai transferir para o expectador, você faz, coloca o expectador e a obra na arena e você sai e o expectador que se digladie com a obra, seja para falar mal ou não” – Wagner Kuroiwa

Wagner Kuroiwa sempre teve o sonho e a obsessão de ser médico. Uma obsessão que teve desde a infância. Escolheu a Escola Paulista de Medicina, um segundo lar para o médico artista. Isso desde os primórdios de sua infância quando cultuava a imagem da escola como algo de excelência, desde cedo teve isso como uma meta de vida, e assim foi. Filho de pai imigrante japonês e mãe brasileira, ambos lavradores que decidiram tentar a vida na capital, Wagner Kuroiwa nasceu no dia 17 de novembro de 1946 em Garça, interior de São Paulo. Conheceu um pouco da história da Escola Paulista de Medicina, já a admirava antes de nela ingressar devido aos nomes que por ela passaram e por toda a excelência que a escola construiu ao longo do tempo.

Formou-s e começou a trabalhar, em seguida foi fazer o curso de Saúde Pública na USP, depois fez uma especialização em Direito Sanitário. Recentemente o governo japonês o convidou para participar de um projeto de aprimoramento e auxílio aos países da América Latina e aos países africanos de língua portuguesa. Foi em missão para o Peru auxiliar no controle de saúde sanitária nacional.

Seus professores tiveram uma influência para o resto da sua vida. O aspecto técnico didático é um pressuposto aos professores, mas de alguns teve algo mais de humano, pelas conversas e experiência transmitidas, conselhos, “acho que esse é o diferencial de alguns professores, então eu diria que muitos deles foram importantes”

“Vocês vão entrar na psiquiatria e podem até sair, mas vocês nunca vão abandonar a psiquiatria”, um dizer de seu professor de psiquiatria que faz muito sentido para Kuroiwa. E de fato, “em nosso convívio humano somos psiquiatras, pois estamos sempre analisando, tentando observar as pessoas, tentando ver em seus comportamentos as forma como estão reagindo e que implica até numa forma de convívio, e essa atividade psiquiátrica nunca se poderá abandonar”.

Vice-presidente de uma ONG na cidade de São Bernardo, professor para crianças carentes uma

vez por semana. Além de idealizador do projeto, é ele quem fornece o material. Kuroiwa vê nisso uma mescla entre a medicina e a arte, onde ambas se complementam, pois para ele tanto medicina é ciência quanto é arte.

Seu pai era locutor de uma novela em japonês, começou a trabalhar nos jornais japoneses que estavam começando a circular na época. Ele pintava um pouco, pintava algumas aquarelas, “em parte acho que claro eu devo isso a ele por me dedicar um pouco à arte”, nos diz Kuroiwa. Desde a infância pinta, porém, apenas a partir da década de 80, começou a pintar de uma maneira mais regular, o que até então era algo esporádico, que fazia até mesmo por diletantismo.

A partir de quando começou a expor, e isso foi crescendo, recebendo críticas incentivadoras sobre seu trabalho, sentiu-se muito motivado, levou então, a pintura com maior seriedade e empenho, começou a fazer exposições individuais, foi convidado depois a ilustrar capa de lista telefônica da região de São Bernardo do Campo, então seu trabalho teve um alcance maior através dos 500 mil exemplares publicados.

Os trabalhos com raio-X são vistos como uma tentativa de unir a medicina e a arte, ‘é como um reaproveitamento que já tem substrato porque o raio X pode ter muita angústia por trás”, diz, e muitas imagens desse trabalho que ele fez aproveita esse forte aspecto que diferencia sua obra. Utilizando lesões e deixando-o, é possível que se veja o raio-X além do que fica por cima, o próprio material da pintura.

Kuroiwa é um homem apaixonado pela UNIFESP, lugar onde não apenas estudou e trabalhou, mas que exerce sobre ele um fascínio arquitetônico e paisagístico. Muitas de suas obras retratam isso, registra sua história, seu progresso. Fala com certa melancolia de uma árvore que hoje não existe mais, pintada por ele a fim de tornar o ato de criação uma forma de homenageá-la e lembra “ela era muito bonita, é o símbolo da escola, era uma árvore que era parte integrante da estrutura, ela não era um apêndice, era algo macroscópico mesmo e eu admirava e a ficava observando, mas, ela está eternizada de algum modo”. Até então, tinha feito alguns bico de pena do prédio e naquele ano foi feito um raio X, foi feito um pastel, acrílico sobre tela, bico de pena e aquarela, foram 5 técnicas diferentes. Então ficou uma diversificação técnica e isso faz com que, embora pudesse parecer monótono, porque o tema é um só, devido aos diferentes ângulos e diferentes técnicas, você tinha uma diversificação bastante grande também pro trabalho. “Esse prédio [edifício Leitão da Cunha, da UNESP] que eu fiz questão de reproduzi-lo artisticamente, porque ele tem uma marca muito forte, simboliza um valor muito marcante, algo que é eterno mesmo, seja para mim, pra própria cidade de São Paulo e para todos os colegas que passaram por aqui”. Fez uma série de 25 quadros do prédio e ainda pretende fazer outros.

04. A obra e seu tema

Apesar de pintar desde a adolescência, Wagner Kuroiwa pinta e expõe com regularidade a vinte anos, e ganhou destaque a partir de 1998, quando expôs pela primeira vez sua série “Através”. Apesar de ser um artista maduro (nasceu em 1946), tem vivido atualmente uma fase muito criativa, senão inovadora. Por estar constantemente transitando em grandes hospitais, acabou notando a quantidade de radiografias que são jogadas no lixo. Teve então a

idéia de usá-las em sua arte. Para WK todo artista deveria procurar novas soluções, buscar a arte no que não é arte. Assim ele encontrou as radiografias, que para ele "... já nascem plenas de ansiedade, angústia, expectativas, medo subjacentes e nitidamente ligados à dualidade vida e morte." (catálogo 01) E foi isso que ele apresentou na série "Através".

E foi uma das obras dessa série que resolvemos escolher, por acreditarmos trazer diversas questões á tona. O "Cristo" foi exposto novamente este ano, e nos causou forte impressão do alto de seus 3,30 metros de altura. Assim como o ser criado pelo Dr. Victor Frankenstein, na clássica obra de Mary Shelley, esse Cristo foi criado com partes de várias pessoas, ou seja, é todo formado por radiografias, cada uma com algum tipo de lesão. E também como a criatura de Frankenstein, ao juntar as partes esse Cristo ganhou dimensões sobre-humanas.



O "Cristo" de Wagner Kuroiwa é um perfeito exemplo de dois aspectos que queremos destacar sobre o uso do suporte no trabalho do artista, um é técnico e o outro é estético/filosófico.

"O Cristo, feito com fragmentos de radiografias, com lesões, foi feito no chão. É um trabalho muito grande, foi feito com o artista trabalhando em cima de modo que não podia ver o trabalho enquanto estava no chão. Do chão se tinha uma outra perspectiva, é uma obra bastante grande e pesada, "quando começaram a erguer o quadro e o Cristo foi crescendo na minha frente, realmente foi um impacto, foi quando eu vi o quadro pela primeira vez embora fosse o autor".

A base desse quadro contém aproximadamente 60, talvez umas 30 radiografias de mãos e em torno foram tomografias, então é uma obra que tem um significado óbvio e é algo que uma pessoa fala, eu tenho que pintar o Cristo uma vez na vida... e com essa característica de ter as lesões todas ali e o feto no abdômen. Como um antagonismo, uma dialética em relações ao ovo da serpente, seria ali o ovo do bem, então você vê que tem essa possibilidade, é uma outra vertente de você na realidade conviver com suas ansiedades, angústias, peculiares a todo indivíduo.



Nessa exposição em que usei radiografias, uma das obras tinha 232 radiografias, então ela saía do mezanino e corria pelo chão e eu de propósito deixei que as pessoas pisassem e foi interessante porque o mármore do salão é branco, as pessoas estavam pisando em corpos, era uma coisa provocativa mesmo...Então essa exposição das radiografias foi algo curioso, porque eu pintava no chão e não tive nenhuma nevralgia, a gente se foca tanto no trabalho e fica muito motivado.”

O problema técnico com relação ao suporte é aumentar seu valor intrínseco, torná-lo ecologicamente correto e assim agregar mais valor.

Já o problema estético/filosófico é agregar ao suporte um valor emocional, uma carga sentimental, um conteúdo prévio, uma história, assim o suporte deixaria de ser uma superfície neutra, que aceitaria qualquer coisa por cima sem interferir ou sugerir nada.

Então ele encontrou a radiografia, que atende a esses anseios e muito mais. Permite um jeito novo de pintar, sobre o escuro e não o claro, em uma superfície já marcada, gráfica e emocionalmente.

Essa obra nos permite ver a arte como reflexão sobre a relação do homem com a dor, a também com os problemas da sociedade urbana, como lixo, saúde pública e relações sociais.

Kuroiwa não apenas observa a dor e a retrata, mas se apropria dela e a inclui literalmente na obra. É um objeto da técnica como suporte da arte, técnica e ciência incluídas por baixo e permeando a obra. Nessa obra observamos um diálogo intenso entre ciência e arte. O artista se apropria da própria ciência para buscar expor uma reflexão sobre a dor.

Este Cristo tem lesões em todas as partes do corpo, quase da mesma forma que Jesus Cristo sofreu, sendo submetido às mais desumanas torturas e humilhações. Mas este Cristo é aclamado por inúmeras mãos, que em prece o veneram. Ele não é só a dor, mas também a esperança. Talvez por isso tenha um feto no ventre, mostrando que o que ele significa não está morto, mas sim perpetuado. É uma imagem um tanto sinistra, mas que não nos passa apenas dor e medo.

Em seu traço peculiar e característico, Kuroiwa nos remete a um universo de pequenas coisas, quando observamos seu quadro de perto. São traços coloridos e um tanto bem humorados, que nos leva a outro nível de visão.



Ele nos faz lembrar que cada chapa contida na obra e na verdade uma pessoa, com sentimento e dor, que sofria no momento em que foi produzida essa imagem que é o raio-x. Ele propõe o resgate do homem desumanizado, pois esquecemos que as chapas são de pessoas, que tem diversos problemas.

05. Discussão crítica do tema

O quadro é belo, mas a beleza não barra a necessidade de compreensão (ou intuição) sobre os problemas que podemos ver na obra. Mas cada pessoa pode ter sentimentos e interpretações diferentes sobre essa obra. Para o artista ela simboliza a semente do bem surgindo em meio à dor. Mas qualquer interpretação é válida, desde que vinda de uma observação atenta e sem preconceitos.

Não podemos encaixar toda a obra de Wagner Kuroiwa em uma escola ou estilo, pois ele passeia por diversos estilos diferentes e não se prende a uma técnica apenas. Há pinturas e desenhos sobre tela, papel ou sobre radiografias, tomografias e ultra-sonografias. Em muitas delas reproduz seus “rabiscos” feitos durante as atividades diárias. Os temas vão desde temas científicos - como o sangue – à temas sociais – o tempo na vida humana, a religiosidade. Também faz auto-retratos, reproduções e realismo fotográfico. Faremos então uma tentativa de encaixar apenas esta pintura, o “Cristo” dentro de uma tendência.

a. Arte pós-moderna?

Uma das características do homem pós-moderno é a dificuldade de entender que rumos devemos tomar, daqui para frente. Isso se deve à dificuldade de se encontrar respostas satisfatórias para os problemas da sociedade. A arte tem se voltado cada vez mais para soluções ou discussões sobre aspectos mais específicos e não gerais. Não se busca mais a verdade absoluta, mas sim melhorar a reflexão sobre um certo ponto.



Assim ate poderíamos classificar a obra de Wagner Kuroiwa como pós-moderna, já que ele busca em suas pinturas apenas expor algumas questões, como a dor humana ou o problema do lixo, sem no entanto nos dar uma solução.

A ruptura com o suporte tradicional (a tela) também é característica da pós-modernidade, porém Wagner Kuroiwa não o faz de forma radical. Claro que a chapa de raios-x é bem diferente da tela, e de certa forma inusitado. Mas isso não muda significativamente a forma de pintar, de representar o mundo tridimensional em uma superfície plana. Revela antes uma preocupação social-ecológica e impõe desafios técnicos, não sendo subversivo neste aspecto. Mas essa não é mesmo a proposta do artista, para ele não há um etilo no qual classificá-lo. Ele não pensa nisso quando pinta, gosta de alguns estilos, mas pinta apenas como tem vontade.

Para o próprio artista, algumas de suas obras poderiam ser classificadas como impressionistas. Essa é a intenção dele, captar o momento, de maneira rápida, causando uma impressão. Podemos dizer que o “Cristo” é bastante eclético, tanto na forma quanto no tema.

b. Arte como forma de reflexão crítica e ação

Algumas questões sobre a arte – e a pintura – contemporâneas:

Precisamos pensar a arte em nossos dias – como tudo, afinal – sob a força da penetração e banalização exercida pela grande mídia e sob a lógica neoliberal, em que tudo vira produto para o mercado. De repente, tudo pode ser arte e fica difícil separar o joio do trigo.

Lembremos que a internet é hoje uma ferramenta de baixo custo muito boa para a divulgação de obras de arte.

Fala-se em arte erudita e arte popular.

As opiniões divergem: estaria a arte novamente restringindo-se a nichos elitistas? Mas o que dizer dos museus a céu aberto em que se transforma o espaço urbano. Hoje o espaço da pintura não é mais somente a parede do museu ou da galeria de arte – um bom exemplo disto é a exposição de Wagner Kuroiwa no Shopping Metrópole.

Pensamos a produção artística como sendo sempre dialética, no sentido de que não é apenas produto de eventos de grupos implicados na produção artística, mas inserida em um processo de formação cultural que expressa e refrata as tensões sociais. Quanto ao artista, sua liberdade é muitas vezes tolhida pela necessidade e pela

institucionalidade. Autonomia na arte conflitua com usos ideológicos, institucionalização da cultura e produção para o mercado.

Particularmente sobre a pintura contemporânea, falar das transformações por que ela tem passado é abordar questões como a crise do retângulo, a fragmentação do plano pictórico e a multiplicação das técnicas e dos suportes. É a pintura “saindo” do quadro – sua “virtualização”, seu objetivo de expressar conflitos e a busca de novas técnicas e materiais. Conforme o professor Marco Giannotti, na pintura contemporânea “Situada entre a arte moderna e um futuro incerto, sua finitude parece questionada a cada instante”.

Ao trabalhar com imagens, a pintura sofre o impacto do mundo contemporâneo – “...um mundo saturado de imagens, onde a experiência visual propriamente dita se torna cada vez mais escassa”.

Nesse contexto amplia-se a importância da pintura, como uma forma de (re) ensinar as pessoas a ver, a perceber além das imagens e, ao interpretar a pintura, ampliar sua compreensão do mundo.

A pintura deve ser vista sempre como uma arte do seu tempo, muitas vezes com perspectivas premonitórias.

Para alguns, mais importante do que a técnica ou a obra em si, é o uso que se faz dela.

Wagner Kuroiwa não dissocia ciência, arte e sociedade; tudo é “energia em trânsito”. A ciência – e a técnica – assumem grande importância em sua obra inovadora - como quando trabalha com radiografias. São necessários experimentos que permitam selecionar as tintas possíveis de serem utilizadas. O fundo branco da tela passa a ser escuro – de um tom violáceo – o que, de certa forma, faz o artista trabalhar “em negativo”.

Identificamos três principais formas de ação das obras de Wagner sobre a sociedade. A primeira decorre dos temas e da forma em que são apresentadas as pinturas nos espaços públicos, visando chamar a atenção e levar a uma reflexão.

A segunda refere-se à questão ecológica, na medida em que se utiliza de chapas radiográficas (de poliéster) que - após ser retirada a prata dos cristais sensíveis à luz – normalmente seriam descartadas no meio ambiente. O pintor tem o cuidado de apagar informações que possam identificar a pessoa objeto da chapa.

A terceira forma de ação é a criação e desenvolvimento do projeto CrinçArte – onde o artista ensina pintura em tela às crianças de um bairro periférico, com o fim de descobrir novos talentos e encaminhá-las para uma realidade diferente, afastando-as da droga e da violência.?

Lembramo-nos novamente do jovem pintor queniano Ang, que observa: “A pintura, é extraordinária para as crianças de rua ajuda-as a crescer.” .

06. Papel da ciência e técnica na obra de Wagner Kuroiwa

a. Aspectos técnicos diretos

Para Shelley, razão e imaginação são inseparáveis, faces de uma mesma moeda. Ciência e arte são essencialmente a mesma coisa. E uma precisa da outra (citação do professor).



Parte da presença da ciência na obra de arte de Wagner Kuroiwa está na pesquisa de novos materiais. A escolha do uso da chapa de raios-x tornou necessária a busca por tintas que se fixassem bem nesse material e uma maneira de unir, soldar as chapas. Para isso foram precisos muitos testes, até ser encontrada a solução.

b. Aspectos técnicos indiretos

Um dos objetivos do artista é utilizar um material que esteja sendo sub-aproveitado. As chapas de raios-x não têm mais utilidade depois de usadas para seu fim original, e ficam se acumulando em hospitais, clínicas e nas casas dos pacientes. Este material, fruto da evolução técnico-científica na área da saúde, pode agora ser incorporado a arte, ao mesmo tempo em que ameniza um problema sócio-ecológico. Este trabalho pode estar abrindo um novo campo e está certamente colocando em discussão o tema do lixo acumulado pela sociedade industrial e consumista pós-moderna.

c. Aspectos estético-éticos

Incorporar a dor humana, exposta pela técnica, à arte. Utilizar um suporte que não é novo, vazio e aberto a tudo, mas um que já tem uma trajetória, uma dor, não permita ao artista tomar qualquer direção, pois seu suporte não está aberto a tudo. A estética nessa obra é então ligada necessariamente a essa vida pregressa do suporte.

Wagner Kuroiwa nos faz pensar na questão ciência x arte e talvez nos ajude a entendê-la melhor. Apesar de suas atividades como cientista e artista correrem em separado, ainda estão sobre a mesma pessoa, que vive então, em seu dia-a-dia essa relação.

Maranhon, importante médico e teorizador da medicina espanhol do início do século XX (Batista, p.71), definiu os cinco aspectos que para ele seriam essenciais na formação do médico. Um deles era a formação humanística e artística. Para ele os artistas (pintores, escritores, etc.) são os verdadeiros especialistas em “vida humana”. Estes seriam os únicos

capazes realmente de entender o ser humano de forma integral. Exatamente esse parece ser o aspecto ético na vida de Wagner Kuroiwa.

07. A arte de Wagner Kuroiwa por Wagner Kuroiwa

Em uma entrevista que nos concedeu em seu escritório, onde comanda as ações contra a dengue do município de São Bernardo do Campo, o simpático artista nos explicou como surgiu seu trabalho com as chapas de raio-x e como ele mesmo vê seu trabalho e a relação entre arte e ciência que, para ele, são inseparáveis. Colocaremos aqui um resumo da entrevista com algumas falas dele.

Diz Kuroiwa que “usa a resina de poliuretano para fundir e assim unir as chapas, que são feitas de poliéster. Mas para chegar nessa solução ele teve que fazer uma investigação e várias experiências”.

A idéia de usar as radiografias surgiu dentro do hospital. Kuroiwa reparou no ato dos médicos de escrever e desenhar sobre as chapas, fazendo marcações onde notavam algo de destaque. Então ele percebeu que as chapas não eram realmente negras, tendo cores muito interessantes, sempre variando em tons violáceos conforme a revelação. Outra coisa que notou é que, ao se trabalhar com o raio-x, o médico tem que pensar “ao contrário”, pois vê as relações claro-escuro invertidas, como um negativo de fotografia. Assim teria que fazer também o artista se quisesse usá-las, inverter o cérebro, pois ele geralmente trabalha com tintas sobre um fundo branco. Kuroiwa pensou também que a chapa, como substrato, já viria carregada de emoção, de dualismo vida-morte e seria portanto impactante. Então pensou que usá-la e, mesmo sem saber ainda como, “abriria um horizonte imenso de possibilidades artísticas”.

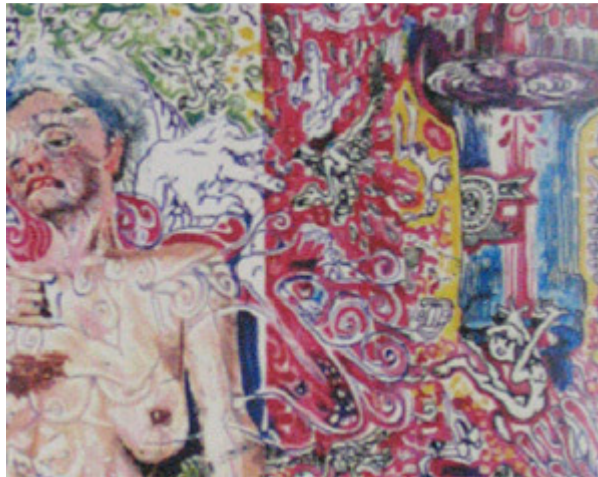
“A questão ambiental também estava presente. As radiografias praticamente não tem fim, apenas o brometo de prata, elemento foto-sensível presente nelas, é reaproveitado. O poliéster vai para o lixo, não tem proveito e irá durar séculos”. Ele sempre toma o cuidado de apaga a identidade dos pacientes em cada chapa.

Para a instalação “Fluxos”, formada de radiografias que parecem escorrer e se espalhar no chão, ele usou aproximadamente 230 radiografias. “Como essa instalação tinha uma parte suspensa e outra no chão, no meio do shopping (Metrópole, em outubro de 2007), e sem cercado, as pessoas vinham andando pelo corredor e de repente pisavam nela, ficavam sem graça e voltavam para trás, tentavam disfarçar quando viam que estavam pisando em uma obra de arte. Acho que também porque era meio estranho, como estar pisando em corpos, porque eram chapas, com ossos e tudo. Acho que é assim que temos vivido socialmente, pisando uns sobre os outros, e essa obra era isso também, uma alegoria da sociedade atual”.

Ao ser perguntado sobre a relação entre a medicina e a arte, respondeu que “por ser médico e ter a observação como fator fundamental no meu trabalho e formação, sempre mantive a mente aberta e tentei não ser tendencioso nas minhas conclusões, tentei ser isento ao observar as coisas ao meu redor, e acho que a arte tem que ser assim também. A busca de novas possibilidades, a liberdade e a criatividade são fundamentais nas duas áreas, ciência e arte. E a formação rígida da medicina auxilia muito meu trabalho como artista”. Para ele

ciência e arte, assim como racionalidade e intuição, são complementares. Mas a autenticidade e a imaginação são o que tornam o trabalho de ambos, cientista e artista, mais rico e relevante.

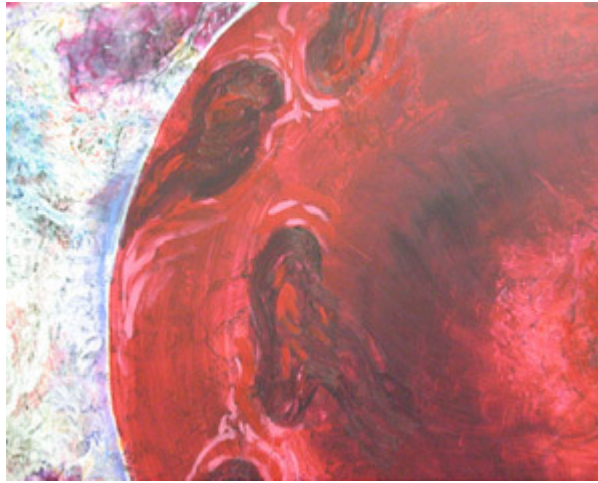
A sua série “Risca-Rabisca” são pinturas derivadas dos rabiscos que ele faz a todo tempo, principalmente enquanto trabalha em seu escritório - como muitas vezes fazemos enquanto estamos ao telefone. Daí tem surgido suas idéias nos últimos anos, não só para essa série especificamente, mas para todo seu trabalho artístico. Essas telas parecem menos “sombrias” do que as feitas com chapas, pois são coloridas e um tanto lúdicas, mas para o autor são também muito pesadas e críticas. Esses rabiscos refletem diversos tipos de idéias presentes no dia-a-dia do artista. Problemas da sociedade ou da saúde pública, da vida pessoal do artista ou de seus conhecidos, coisas que ele vê nas ruas ou na televisão. Nessa série as obras podem ser vistas em dois níveis diferentes. De longe se vê uma pintura um tanto impressionista, e de perto as incontáveis figuras vindas de seus “rabiscos” como na tela “Cegos conduzindo cegos”, uma releitura do trabalho homônimo de Brugels, “vemos isso todo dia, cegos que conduzem cegos, ou uma nação inteira às vezes”. Mas os problemas da sociedade e coisas diversas aparecem quando nos aproximamos da tela, como carros e aviões, pessoas enfermas e loucas, violência e situações engraçadas.



“Tempo” (parte)

Nessa série ele também teve problemas técnicos. Ele guardou durante muitos anos as folhas com os rabiscos, sem saber ao certo se teriam alguma utilidade, mas quando foi buscá-las descobriu que o papel amarelava e a tinta de caneta esferográfica apagava. Perdeu incalculáveis idéias. Agora ele reproduz essas folhas para não mais perde-las.

“O tema arte e ciência está muito presente em outras telas também, muitas vezes no próprio tema pintado, como em “Hemácias” e “Sangue Pisado”. As hemácias da pintura de Kuroiwa se assemelham às dos livros de histologia, mostrando uma forma especializada, que tem como objetivo aumentar a superfície e assim a absorção de oxigênio”. Nestas duas séries ele não usa radiografias, mas a ciência está sempre presente, muitas vezes de forma crítica. “Ciência e medicina fornecem muitos temas para a arte”. Sangue pisado se refere às visões populares sobre a ciência, como acreditar que tomar muito limão estraga o sangue.



Hemácia (parte)

As dificuldades com as radiografias e com os “rabiscos” fizeram Kuroiwa pensar na duração ao longo do tempo da obra de arte. Para ele “toda obra de arte tem que querer ser perene”. Se a mensagem que ele passa é relevante deve durar para sempre. Enquanto artistas lutam á séculos para encontrar meios que permitam que suas obras durem mais, a radiografia irá certamente durar séculos, o que é um grande problema, e a arte pode dar uma contribuição para a solução desse problema e até se beneficiar.

Para Kuroiwa “arte é energia em trânsito, do autor para a obra e para o expectador, que é onde a obra se completa. Assim a obra tem que ter uma mensagem. E a ciência também é assim”. Ambas nunca são inconseqüentes, tudo o que o cientista e o artista fazem afeta as pessoas, por isso é preciso ter cuidado com o que transmitem. Ambos tem que ter também, para ele, a mente aberta para novos materiais, para a inovação.

A obra “Cristo” é composta por 86 radiografias, tomografias e ultra-sons, todos com lesões ou patologias, com tiros, marca-passos, ferros, pinos, próteses, úlceras e outras características que não são doenças, como um feto. Mas é um feto no ventre de um homem, Jesus. Ele diz que não é uma provocação, “o feto representa a semente do bem, da devoção e da fé, como um símbolo universal. mas essa obra também mostra a dor na sua expressão mais cruel”.

Uma das grandes preocupações da Kuroiwa é que as obras sejam percebidas e que suas mensagens sejam captadas. “Quando a pintura é fotográfica é mais acessível ao expectador comum, mas diz menos. Quando há mais detalhes, sutilezas e mensagens simbólicas, a arte precisa de uma leitura mais atenta.

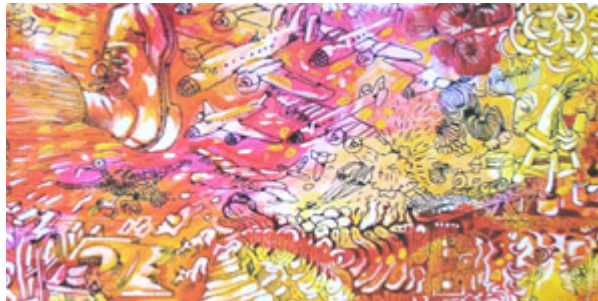
Acontece que as pessoas não percebem detalhes nas obras. Por exemplo, nesta última exposição, enquanto eu estava lá ninguém percebeu que o sangue de Jesus, que escorre pela tela, vai ficando azul. Porque eu achei que ele deveria ter sangue azul pois é da linhagem mais nobre de todas. Vivemos em uma época de sobrevalorização da imagem, mas que na verdade nos empurra uma sobrecarga de imagens que as desvaloriza e muitas pessoas não sabem mais ler ou entender imagens”.



“Via Anchieta”

Quanto ao estilo “já fui chamado de colorista, mas não gostei muito, porque o colorismo é uma abordagem meramente decorativa. Waldir Mendes é colorista, não trabalha com formas. Meu trabalho é diversificado, pinto o que me dá vontade, é como um mercado persa. Meus trabalhos mais figurativos se parecem impressionistas, aquarelas ingênuas. Outros são mais como fovismo, são fora de foco e sugerem movimento, não consigo definir meu estilo e não gosto dessas definições que existem”.

Kuroiwa acha que é muito importante que todo trabalho artístico tenha um caráter social. Há anos ele dá aulas de arte como voluntário para crianças de regiões carentes, que supostamente estariam mais próximas da violência e assim em risco.



Parte da capa do catálogo da exposição “Kuroiwa”

08. Conclusão

A obra “Cristo”, pintada por Wagner Kuroiwa em 1998, traz a dor como suporte. Ao invés de usar uma tela, o artista optou por pintar sobre radiografias. Essas chapas de raio-x são os retratos da dor, de fraturas, tiros, lesões, úlceras, pinos e ferros. E é sobre isso que ele pinta. Ao escolher esse suporte, além de uma contribuição para os problemas ecológicos do lixo não reciclado, e além de dar uma contribuição original para a arte, propondo um novo suporte e novas técnicas de pintura, o pintor dá voz à dor humana e abre mão do controle total sobre sua obra. Isso porque, ao escolher esse suporte, o artista já não pode pintar qualquer coisa que queira. Ele não pode ignorar o conteúdo que as radiografias já trazem, de dor e sofrimento, de humano e de técnico. Pois tratasse de um produto da ciência que tem como objetivo retratar a dor humana.

Wagner Kuroiwa vive diariamente a relação entre arte e ciência, e pode nos ajudar a entendê-la melhor. Entender se essa relação é esporádica, ou mesmo se não existe, ou se é uma relação de troca de conceitos e informações, de ajuda, de “irmandade” ou até mesmo se na verdade são apenas a mesma coisa.

a. O papel da técnica na arte

Wagner Kuroiwa é cientista, e como artista carrega o espírito da ciência para a arte (se é que podemos fazer essa separação). A busca de novas e mais eficientes soluções técnicas que possibilitem o uso de materiais que estejam sendo sub-aproveitados e que também atribuam mais valor intrínseco as pinturas se assemelha a busca da ciência por novos conceitos, respostas e soluções.

A junção na obra de um objeto da técnica, as adaptações dos materiais e a reciclagem, são aspectos técnico-científicos fortemente presentes na obra; tão presentes que pode até nos parecer as vezes que sua obra é mais científica do que artística. Mas esses aspectos técnicos são tão somente guiados pela preocupação artística, pela reflexão sobre o humano e pela sensibilidade do artista.

b. Ciência e arte – competitividade ou compatibilidade?

Enquanto a técnica e a ciência são as mediadoras entre o homem e a natureza, a arte, que também faz esse papel, busca ainda mediar o homem com seu próprio interior, com os outros homens e até com o campo metafísico e espiritual. Por isso arte e ciência não competem, podem sim ajudar-nos a compreender melhor diferentes problemas que nos afligem, e podem também ajudar a entender uma à outra. O artista precisa recorrer à ciência para solucionar diversos problemas, e a ciência precisa da arte para refletir sobre si mesma e também para abordar questões mais subjetivas, não testáveis em laboratório. Como poderia a ciência entender o homem sem o apoio da arte?

c. Arte como instrumento de reflexão e crítica

A arte atual tem demonstrado menos engajamento, talvez não pela falta da vontade dos artistas de fazer isso, mas porque a mídia ou não dá espaço para a arte com mensagem política e social, ou quando o faz, a traz para dentro do sistema econômico consumista e a esvazia para ser comercializada.

A arte pode estar ligada às questões que preocupam as pessoas ou pode ser meramente enfeite. Mas a pintura de Wagner Kuroiwa, intencionalmente ou não, nos faz refletir sobre algumas questões muito delicadas, como o tratamento que se dá às pessoas na área saúde, o lixo que vai se acumulando e a arte como um dos motores da luta pela reciclagem.

Será que Wagner Kuroiwa está querendo que o espectador reflita sobre estas coisas? Bom, certamente ele refletiu muito, e colocou em sua pintura o seu modo de ver esses problemas, da maneira que pôde e quis.

09. Bibliografia

- Batista, Nildo Alves (Org.). Ensino em Saúde - visitando conceitos e práticas. São Paulo, Arte & Ciência, 2005.
- Pintura e Cidadania, In: A Página da Educação,
<http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=5664>, nov/2007.
- GIANNOTTI, Marco Garaude, Indagações sobre a Pintura Contemporânea,
<http://poseca.incubadora.fapesp.br/portal/visuais/organizacao/pp-ppgartesvisuais/indagacoes-sobre-a-pintura-contemporanea>, nov/2007.